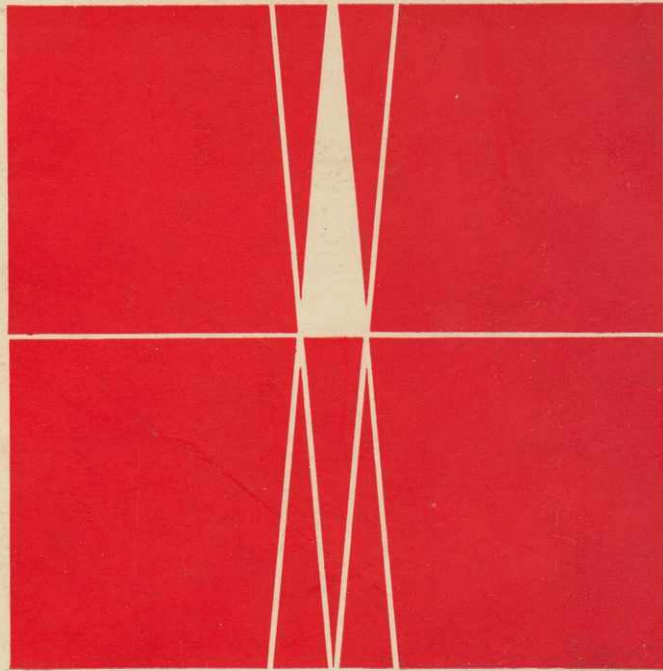


PORTVCALE

1



REVISTA DE CULTURA LITERÁRIA E ARTÍSTICA SUPLEMENTOS A 3.A SERIE

Shi

A República e a «Renascença Portuguesa»

POR AUGUSTO CASIMIRO

Precedendo, preparando a vitória republicana de 1910, desde o Centenário de Camões em 1880 e, sobretudo, depois do *Ultimatum* e do malogro de 31 de Janeiro, certos Portugueses dispersos no velho campo monárquico ou unidos na ala avançada que faria a República, encontravam-se já em mais dum ponto essencial que importa ao interesse superior da Pátria. O menor mérito de muitos chefes políticos da Monarquia comprometia o regime mas não tolhia totalmente a obra de alguns.

No campo ultramarino, depois dos erros que justificam as expoliações do Tratado de Berlim, que determinam a afronta do *Ultimatum*, — monárquicos como António Ennes, Mouzinho de Albuquerque e Paiva Couceiro não deixaram de prever com acerto e procurar servir bem, acusando as condições políticas que lhes contrariavam a acção.

No campo republicano onde crescia o afluxo duma adesão cada vez mais vasta e entusiástica, só em 1907 se realizava, em torno dum programa de acção, a unidade entre os elementos que constituiriam os seus quadros. Fiéis embora à sua ideologia, alguns valores monárquicos não se desinteressavam das soluções para problemas que interessavam à Pátria. E, principalmente os que diziam respeito ao nosso Ultramar, como aconteceu perante as ameaças que para nós representaria o processo do primeiro grande conflito mundial. A República ia iniciar ou desenvolver a constitutiva e generosa política africana definida por Couceiro, mas não atendida em Lisboa... A política republicana ia assim realizar-se num plano em que se continuariam as mais altas tradições do extinto regime: — o resgate da Grei nas lutas dos primeiros Reis que, apoiados no Povo, liquidaram a servidão, reduziram o poder dos grandes, prepararam a defesa da nossa Independência, robustecendo-a, e tornaram possível a epopeia dos Descobrimentos pelo aparelhamento técnico e a longa iniciação marinheiral que culminaram na primeira metade do século XV.

Apesar «do tom romântico, passional e expansivo, da vibrante dramatização da vida pública, — ao contrário do que se nos fazia mister: — o auto-domínio, o exame, a concentração», a que se refere António Sérgio num artigo publicado nesta Revista, (n.º 3 da 3.ª série); — «apesar da carência dum plano de reformação positiva, de natureza pedagógica e económico-social... e da confusão do anticlericalismo pròpriamente dito...» «com o ataque ao sentimento e ao pensar religioso...» — entre sucessivas crises que conseguiu dominar, a República não atraçou os votos dos melhores portugueses, viu realizar-se entre eles uma unidade sobranceira à paixão sectária e à falta de previdência patriótica quando não à traição dos piores.

Porque a mudança do regime excitara a consciência, em quase todos nós, dos erros passados e, nos melhores, a dos grandes deveres a atender e a das grandes possibilidades que se abriam diante da Nação.

A maioria da Nação comungava numa esperança de vida nova e os seus melhores valores espirituais queriam definir, dar expressão construtiva ao que na maioria era esperança e intuição.

Antes, e preparando, o fenómeno político, processara-se outro mais profundo e vasto, associaram-se descontentamentos, cóleras e revoltas, aspirações e esperanças de melhor vida em todos os sectores.

E os valores mais sensíveis à compreensão do Passado e mais capazes de definir ou seguir os rumos que constroem o Futuro, estavam mais próximos do que as aparências podiam significar. Uma política por mais oportuna e fiel aos interesses dum povo determina-se, obedece a velhas forças profundas. Serve o Futuro na medida em que estas se renovam na consciência e sob a excitação com que o pressentem.

Em 1912 os homens que se dão as mãos na *Renascença Portuguesa*, são republicanos e, na sua maioria, mais do que meros intelectuais ou políticos. Sentem, pensam e agem num plano mais alto, obedecem a imperativos mais profundos, entendem o Passado, julgam o Presente, prevêem e querem construir um Futuro melhor.

Nenhuma disciplina política sectária podia aproximá-los e ligá-los eficazmente. Republicanos e monárquicos, sob o signo da inteligência, organizam-se. Preside a aliança um Poeta de génio, Pascoaes. Todos comungam o mesmo sentido nacional que transcende o que podia separá-los ou opô-los. Organizam-se em torno duma força verdadeiramente *religiosa*, suscitadora de unidade, capaz de unir um povo através duma fórmula que, expressa por uma minoria, o revela a si mesmo e define o que está no fundo do seu sentir, no âmago das suas aspirações.

Nas horas de perigo nacional, a epopeia não foi possível pelo exclusivo mérito dum só homem. Os heróis, mesmo quando se chamam Nun'Álvares, vencem-nas, fazem epopeia, na medida em que têm o entendimento dos tempos e pressentem e servem uma nova Idade, salvando o Presente e abrindo caminhos do Futuro para o maior bem da Grei. Revolucionários no sentido construtivo da palavra.

Na maioria dos homens que formaram a *Renascença Portuguesa* a florava, fortalecia-se a esperança de novos tempos. Exaltava-os um sentido heróico que, no fundo, obedecia às forças já muitas vezes milenárias que nos tinham destacado no bloco ibérico permitindo-nos a Independência como Nação e uma tarefa de ordem universal ao serviço do Mundo. Começávamos a entender melhor o que o pessimismo dos últimos decénios do século XIX escondera ou ignorara. Não éramos apenas intelectuais isolados na sua torre ou satélites estreitos duma nova ordem política.

Sabíamos que esta devia estruturar-se no conhecimento, na memória ou na Saudade do forte Passado, para com elas forjarmos um novo e maior destino.

Quem vê na *Renascença Portuguesa* apenas um acontecimento literário engana-se. A Saudade na expressão de Pascoaes não era uma figura de vã literatura. Tinha um profundo sentido criador, suscitava acção construtiva, reconstituída, e punha em movimento o que, através dos séculos e dos milenários, nos temperara a alma para enfrentar, superar as horas mais ásperas e permitira à Nação servir-se, na Independência, e servir o Futuro abrindo uma Idade nova ao Mundo.

Os homens da *Renascença Portuguesa* não sofreram as limitações que lhes impôs a série de soluções que podiam reduzir-lhes o esforço ao serviço da Pátria e do Mundo. Persistiram, continuaram, guardando pelo seu exemplo activo, a imperativa lição necessária ao futuro. Serviram, o que era essencial à nossa continuidade histórica.

Em África nas tarefas missionárias que afastam a guerra e trazem o melhoramento social e a dignificação dos povos sob nossa tutela. Bateiram-se em todos os campos, dolorosamente nas lutas inglórias internas que não puderam evitar e nas batalhas em que se jogava o destino português e o do Mundo.

O espírito que animou a *Renascença Portuguesa* continuou no mesmo fervor de acção construtiva. Esteve na origem dos trabalhos que completaram ou corrigiram as deficiências de alguns erros do regime e exaltaram as possibilidades heróicas da Nação. Homens daquela hora de esperança continuaram a ser a acção que cria e salva.

Os que tombaram deixaram-nos o seu exemplo. Estão connosco. Outros continuam a missão generosa. São o Amanhã que espera. Foram, em 1921, os que, sobre a Guerra Grande e os seus desencantos, fundaram a *Seara Nova* e lá continuaram a mesma empresa no mesmo bom e ardente desejo de fazer bem e de bem servir, doloridos embora dos sacrifícios aceites em todos os campos quando servir a Pátria era aceitar perigos, sacrificar a fortuna ou a vida.

A gente nova que se não limita a um estéril e enganoso culto de si mesmo, iludindo deveres, ergue de novo o mesmo facho, aceso em mais alta chama, continua hoje, nos mesmos baluartes, — (com o mesmo rumo forte dos seus exemplos), — que ocuparam Pascoaes, Raul Proença, Augusto Martins, Jaime Cortesão e tantos, vivos ou mortos.

Este espírito de fidelidade ao que no Passado foi resgate e criação permanece. A sua consciência do que é essencial à continuidade da Pátria apurou-se à medida de cada vez mais largos horizontes. Sublimou-se a força que, nas horas mais trágicas, se elas soassem, uniria os melhores para aceitarmos tudo o que não traísse a Pátria e continuasse a servir o Mundo.

E a tal força não há negação nem blasfémia que possam resistir duradouramente. Nestas horas supremas ela existe. Procura dramaticamente, em cada consciência, o seu ponto de aplicação.